

Elizabeth Adler

DE MALIBU, COM AMOR

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

Para a querida tia Bebe Sell,
que, aos noventa e dois anos,
ainda aprecia ler

1

NÃO ERA O TIPO DE NOITE nem o tipo de lugar em que se esperaria ouvir uma mulher gritar. Era apenas uma dessas noites de Malibu, escura como um manto de veludo, as ondas de cor creme a rebentarem na costa, a brisa suave como a respiração de um gatinho.

Mac Reilly, detetive privado, caminhava sozinho pela praia com o cão.

A sua namorada, Sunny Alvarez, partira para Roma após um ligeiro «desentendimento» relacionado com o futuro de ambos. Mas isso era a história do costume.

Mac vivia na famosa Malibu Colony, habitat de estrelas de cinema, magnatas do mundo do espetáculo e gente endinheirada de todo o tipo, uns mais ricos do que os outros, mais milhão menos milhão, ou, nalguns casos, milhares de milhões. As suas mansões luxuosas junto à praia não pareciam tão luxuosas do ângulo em que Mac se encontrava, mas a maior parte das pessoas também não as conseguia ver da praia. De facto, o público raramente as enxergava. A Colony era vedada e guardada, com portão para entrar ou sair e, embora o acesso à praia fosse livre, limitava-se à borda de água e sem delongas. Qualquer desconhecido apanhado a deambular por ali à meia-noite seria sujeito a pesado interrogatório.

As mansões da Colony eram, na sua maioria, as segundas ou até terceiras casas simples de gente rica, discretas no seu chique de praia, e com os deques mais estreitos conhecidos virados para o oceano, a um custo por metro quadrado que atarantava os homens da contabilidade.

A casa de Mac era uma habitação mais modesta, um bangaló dos anos quarenta que comprara barato há anos, durante a crise do imobiliário, e que pertencera, ou pelo menos fora o que ouvira dizer, à antiga estrela de cinema Norma Shearer. Ou seria Norma Jean? Norma ou Marilyn, não fazia qualquer diferença. Uma cabana era uma cabana, fosse qual fosse o ponto de vista.

A casa salvava-se porque, para além da localização chique e da vista, possuía um pequeno deque de madeira com degraus que conduziam diretamente à praia. Não era invulgar que, durante algum temporal de inverno, o oceano viesse bater nos pilares de madeira sob esse deque, lambendo o parapeito até que Mac se sentia como se estivesse num barco, mas gostava da emoção e até do possível perigo. Era feliz em Malibu, não viveria em mais sítio nenhum, mesmo que lhe pagassem. Exceto talvez em Roma durante uma ou duas semanas, na companhia de Sunny.

Mac fazia o género do detetive privado, com um metro e oitenta e cinco de altura, cabelo escuro mais para o comprido, ainda bastante espesso, graças a Deus, apesar de já ter quarenta anos. Olhos azul-escuros, um pouco enrugados devido a demasiados dias na praia e demasiadas noites de bar em bar na sua juventude. Nada de pelos na cara, Sunny não gostava. Uma constituição atlética e esguia que, visto ser preguiçoso no que tocava a ginásios, resultava sobretudo do *jogging* na praia com o cão, *Pirate*, um rafeiro que salvara, que tinha apenas três patas e um olho e que era bastante rápido quando o vento lhe batia por trás.

Pirate era o melhor amigo de Mac e nunca se vira rafeiro mais vivaço. Com as pernas compridas e magricelas, pelo hirsuto

de um castanho-acinzentado e uma bocarra saliente, que lhe deixava os dentes inferiores expostos num sorriso perpétuo, venceria facilmente o concurso do cão mais feio de Malibu.

Claro que Sunny adorava *Pirate*, apesar de não o deixar chegar perto da sua cadela *chihuahua*, *Tesoro*. Com garras fortes, veloz a morder e pesando apenas quilo e meio, *Tesoro* levava a melhor sobre *Pirate* em todas as ocasiões.

Sunny acreditava que era a animosidade entre os respetivos cães que impedia o casamento dos dois, mas, quanto a isso, Mac não tinha tanta certeza. Porquê estragar uma coisa boa? Sunny e ele estavam bem juntos tal como se encontravam, ou seja, não casados.

Às vezes, Mac pensava que talvez fosse o seu alter-ego que aparecia nos ecrãs de televisão às quintas à noite, estilo documentário da vida real a investigar outra vez os velhos crimes de Hollywood, que existiam em maior quantidade do que se poderia imaginar. O programa intitulava-se *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly* e Mac aparecia com um aspeto muito elegante, envergando um casaco de cabedal preto *Dolce & Gabbana* que Sunny lhe comprara.

Quando lhe dissera que era um casaco *Dolce*, Mac não percebera a que se referia. Parecia o nome de um gelado italiano. Mais tarde, descobriu que era um costureiro italiano e o casaco era, sem a menor dúvida, a peça de vestuário mais espetacular que já possuía. Macio e maleável como plasticina húmida, passara a fazer parte da sua imagem no ecrã, embora, verdade seja dita, fosse mais usual encontrá-lo de calças de ginástica a subir, indolente, a Malibu Road para ir ao supermercado Ralphs comprar cerveja e ração para o cão, ou a tomar o pequeno-almoço no café Coogies de *T-shirt* e calções, do que enfeitado de cabedal preto.

Em todo o caso, o programa, que pegava em crimes antigos e intentava resolvê-los, granjeara-lhe algum tipo de fama. Claro que era tudo relativo porque, como toda a gente sabia

em Hollywood, mal um programa deixava de ser transmitido, a pessoa que o apresentava era esquecida tão depressa como o jantar da semana anterior. E agora parecia que chegara a vez de Mac e que não era provável que o programa voltasse para outra temporada. Tanto pior, porque o dinheiro dera jeito e conseguira manter o trabalho de detetive durante o dia, fazendo investigações para todos aqueles simpáticos tipos ricos. E, surpreendentemente, muitos eram mesmo simpáticos. Além disso, tinham os mesmos problemas de todas as outras pessoas. Sexo e dinheiro. Por essa ordem.

Lançou um assobio baixo a *Pirate* que indicava que devia regressar com rapidez e o cão veio a correr, largando quaisquer segredos excitantes que tivesse descoberto no trecho de costa mais caro de Malibu. Juntos, deram meia volta e dirigiram-se para casa. Caminhavam sem pressas, metidos na sua vida, escutando o rebentar das ondas, aspirando o ar salgado do oceano, atentos a possíveis estrelas-cadentes, toda essa treta romântica. E então ouviram o grito.

Muito agudo. Trémulo. Aterrorizado.

Não era preciso ser detetive privado para perceber que era uma mulher que gritava. E que se encontrava em dificuldades.

MAC ESQUADRINHOU AS CASAS COM PRESTEZA. Todas se encontravam às escuras, à exceção de uma luz fraca num deque duas casas para trás. Avançou aos tropeços pela areia macia em direção à casa seguido por *Pirate*.

Parou ao fundo dos degraus de madeira que conduziam à habitação, à escuta, mas não se ouviam mais gritos. O que pensou ouvir foi um soluço. Abafado, mas, mesmo assim, um incontestável soluço.

Ordenou a *Pirate* que esperasse, quieto, e subiu muito devagar os degraus que levavam ao deque, que não era grande, o tamanho normal na Malibu Colony. A casa agigantou-se à sua frente, um rochedo abrupto de vidro e pedra calcária que era mais moderno do que o milénio e mais cru que a arquitetura de Richard Meier, famoso, entre outras coisas, pela conceção do museu Getty de Los Angeles. Estava também tão nas trevas como a noite lá fora.

De repente, acendeu-se um candeeiro. Através da janela, vislumbrou uma mulher. Uma ruiva, envergando um mero *négligé* preto e, se não se enganava, apesar de se encontrar a uns cinquenta passos, pouco mais. Ora, por oposição à crença popular, não se tratava do traje normal para dormir em Malibu, nem meia-noite era a hora habitual para ir descansar. A maior parte das

peessoas no mundo do cinema deitava-se cedo e já se encontrava enrolada na cama, de pijama de flanela, a decorar o texto para o dia seguinte, por volta das nove.

Mac bateu na janela, mas a mulher pareceu não ouvir. Fitava os pés como se aí existisse alguma coisa fascinante. Como, se calhar, um cadáver, pensou Mac.

Era nova, talvez uns vinte e três anos, e bela, com tudo no sítio certo, como revelava o pedacinho de *chiffon* e renda preta que vestia. Além disso, possuía o rosto de um anjo travesso. Mac sentiu-se contente por poder ajudar. Verificou que as portas de vidro não se achavam trancadas e, no seu papel de cavaleiro de armadura reluzente, abriu-as.

A cabeça da mulher ergueu-se de supetão e Mac lançou-lhe um sorriso tranquilizador.

– Olá – disse. – Chamo-me Mac Reilly, sou seu vizinho. Pareceu-me ouvir um grito. Aconteceu alguma coisa, há algum problema?

A mulher afastou o cabelo ruivo, comprido e ondulado, dos olhos verdes lacrimosos, endireitou-se a toda a sua altura escultural e apontou-lhe uma arma.

– Saia – ordenou num sussurro rouco.

Mac mirou a arma. Era uma *Smith & Wesson Sigma.40*, nada com que se brincasse. Fez uma pausa assaz longa, a pensar por que razão a mulher não premira o botão para chamar o segurança na portaria em vez de o ameaçar. E então a pistola disparou.

A bala fez ricochete no chão de betão afagado perto do seu pé, estilhaçou uma jarra de cristal e enterrou-se nas costas de um sofá ali perto.

Mac não esperou por um segundo disparo. Precipitou-se pelas escadas abaixo e correu a toda a velocidade pela praia uns dois passos atrás do cão cobarde.

– Ups, desculpe, enganei-me – exclamou a mulher, a voz a flutuar de forma sinistra na brisa.

SUNNY ALVAREZ, deitada na sua cama do Hotel d’Inghilterra em Roma, ligava para Los Angeles de dez minutos em dez minutos a pensar onde diabo Mac Reilly se metera. Eram nove da manhã em Roma, o que significava meia-noite em Malibu. Teria Mac saído para se divertir mal ela virara costas? Quando a verdade é que só viera para Roma para o provocar um pouco. Calculara que alguns ciúmes não fariam mal a ninguém. Sempre ouvira dizer que longe da vista, perto do coração, mas agora já não tinha tanta certeza.

Inquieta, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, passando as mãos, absorta, pelo cabelo comprido que lhe rodopiava à volta dos ombros como cetim preto fluido, com apenas ondulação suficiente para lhe conferir vitalidade e volume. Os olhos de Sunny eram de um castanho cor de âmbar e franjados de pestanas tão espessas que pareciam cortinas miniatura para as janelas da alma. Tinha a pele de um tom dourado, pernas compridas e usava as saias em geral curtas. Era, como Mac muitas vezes lhe afirmava, entre beijos, um espetáculo.

– Apesar de seres desmiolada o suficiente para transtornar qualquer homem – dissera-lhe em certa ocasião, fazendo com que ela lhe batesse com uma almofada que estava à mão, o que, por sua vez, provocara um frenesim de latidos em *Pirate*, porque

ninguém, nem mesmo Sunny, que adorava, podia magoar o seu «pai».

As únicas notícias positivas que Sunny tinha eram os postais que Mac lhe enviava todos os dias. Pelo menos, acreditava que fossem dele, mas, uma vez que não vinham assinados, não podia ter a certeza absoluta. Só que não conhecia mais ninguém que lhe enviasse, por FedEx, fotografias de Surfrider Beach, Zuma e Paradise Cove com a mensagem anónima «De Malibu, com amor». Sunny ia guardar aqueles postais. Estava a planear colá-los no seu caderno de memórias para os apreciar quando fosse velha e grisalha. E também, a não ser que conseguisse levar Mac ao altar muito em breve, ainda solteira.

O quarto parecia ter sido atingido por um tufão. O seu método de desfazer as malas era tirar tudo para fora e espalhá-lo por cima das cadeiras e da cama e depois escolher o que precisasse das diferentes pilhas de roupa. Mantinha o apartamento quase no mesmo estado de caos. Era um hábito que lhe ficara dos seus dias de faculdade, quando parecera ser o método mais fácil, e mais rápido, de se vestir, e punha Mac louco. Para compensar, costumava apontar-lhe a cozinha, imaculada como uma sala de operações, onde lhe preparava refeições deliciosas, além de tratar sempre depois dos pratos. A comida era a sua primeira paixão. A segunda era a roupa, como se provava pelos sacos de diversas butikues de Roma espalhados por todo o quarto. A terceira era a sua moto *Harley*, mas essa, infelizmente, ficara em Los Angeles. Roma era uma cidade cheia de *Vespas*, que não eram, em absoluto, a mesma coisa.

Pegou no telefone, ouviu de novo a mensagem de *voice-mail* de Mac, desligou outra vez com força o aparelho e voltou a deitar-se na cama a contemplar as unhas dos pés, de um tom rosa-coral, e a meditar na sua vida.

Claro que, na realidade, o seu nome não era Sunny. Isso era apenas o que Mac lhe chamava. O seu nome verdadeiro era Sonora Sky Coto de Alvarez. Um bom punhado de nomes,

como tinha dolorosa consciência. De facto, sentia-se muito agradecida por a apelidarem Sunny. Pelo menos, evitava que tivesse de explicar constantemente aqueles nomes, que eram o resultado direto de ter uma mãe *hippy* que se mantivera em comunhão com a natureza, bem como com os espíritos, no deserto à volta do rancho com a sua casa de adobe nos arredores de Santa Fé, no Novo México.

A mãe de Sunny ainda era sonhadora, etérea, de uma beleza excêntrica, e ainda tinha tendência para usar vestuário disforme, flutuante, com compridas fiadas de contas de vidro e, muitas vezes, flores no cabelo louro macio. Contudo, por estranho que parecesse, fora sempre uma mãe incrível, mesmo que as filhas tivessem tido de passar noites inteiras com ela no deserto em comunhão com a natureza, ao mesmo tempo que, nervosas, se mantinham muito atentas a possíveis cobras cascavel. A mãe nem sequer pensava em coisas como cobras. A sua mente encontrava-se num plano mais elevado, um plano que, tristemente, Sunny e a irmã nunca tinham alcançado.

Tinham os pés plantados de forma mais firme nesta terra. Quando eram miúdas adoravam andar a cavalo, perseguir rapazes e arranjar problemas. Mais tarde, tinham progredido para andar de moto, perseguir rapazes e arranjar problemas. Isto é, até o pai pegar nelas, as orientar e enviar para a faculdade, onde tinha esperança que a vida real não lhes pregasse um golpe de morte após os brandos cuidados da mãe, alheada deste mundo.

O pai de Sunny também era espetacular. Atraente? Se nunca o viram, não sabem o que significa a palavra. Era mexicano, com aquela pele tisonada e acetinada, cabelo forte de um cinzento-prateado, olhos castanhos meigos e um bigode bem aparado. Tipo Howard Keel quando costumava aparecer na série *Dallas*. Escarranchado no seu puro-sangue negro, era o epítome do *ranchero* mexicano.

Acreditara que a Brown era a faculdade perfeita para domar uma rapariga de dezoito anos que guiava uma *Harley* e era louca

por rapazes e, na verdade, a universidade abriu os horizontes de Sunny para um tipo de vida que nunca conhecera. Mas sentira a falta da família e chorara a pensar na sua adorada *abuelita*, a avó mexicana, e nos *tamales*, cozinhados como só a sua *abuelita* sabia cozinhar. Os *tamales* constituíam o prato principal da consoada no rancho e toda a gente, desde os trabalhadores e cobóis, às famílias da região, se juntava para os apreciar, juntamente com uma grande quantidade de tequila, cerveja *Corona* e música e dança mexicanas.

Claro que a mãe também cozinhava o tradicional peru, se bem que da sua habitual forma desordenada. Às vezes, não ficava assado e tinha de voltar ao forno durante mais uma ou duas horas; e, outras vezes, ficava demasiado bem passado e o pai dizia que seriam precisos dentes de cavalo para o furar. De qualquer maneira, era divertido.

Na universidade, rapidamente repararam na jovem latina de pernas douradas e cabelo preto brilhante como a asa de um corvo a passar a toda a velocidade na sua *Harley*, vestida de cabedal preto. Em breve, estava a cozinhar *tamales* e a distribuir *Corona* nas suas próprias festas. Quando se formou com distinção *magna cum laude*, com os pais orgulhosos e a irmã a sorrir, radiantes, na assistência, Sunny sentiu-se quase preparada para enfrentar o mundo. Mas, antes disso, veio a Wharton School e um mestrado em gestão.

Mais tarde, arranjou um emprego em Paris, a trabalhar para uma empresa de perfumes. Um ano depois, mudou-se para Bolonha e para um emprego na Fiat. A seguir regressou a casa e, na Califórnia, abriu o seu próprio negócio de relações públicas, que estava a correr muito bem, obrigada.

Conhecera Mac numa festa para a imprensa, que tinha a ver com o programa televisivo dele. Mac explicara-lhe que reparara logo nela do outro lado da sala.

– Como podia deixar de notar, com essa indumentária?
– fora o que na realidade dissera.

Era inverno e Sunny vestia uma minissaia branca minúscula, as botas da moto, tipo rapariga durona, porque viera a guiar a *Harley*, e uma camisola de gola alta preta. Era toda ela pernas compridas douradas, curvas *sexy* e cabelo preto meio despenteado. Tinha sempre cuidado com o que bebia quando guiava e estava a bebericar uma limonada quando Mac veio por trás dela e lhe bateu ao de leve no ombro. Rodando sobre si, viu-se a olhar para um tipo vigoroso de calças de ganga e *T-shirt*, cujos olhos, de um azul intenso, a admiravam como se fosse a melhor coisa que vira a noite toda.

É ele, pensara, excitada. *O homem de quem estive à espera a vida toda.* Claro que fora esperta o suficiente para não lho dizer e, era verdade, eram completamente opostos. Mac, que subira a pulso das ruas de Boston e da envolvente criminal de Miami até chegar a detetive privado e à personalidade televisiva que era agora. E Sunny, a criança selvagem que crescera num rancho, bela, muito inteligente e meia desmiolada, mas determinada a ser uma mulher independente.

De facto, a vida parecia bem encaminhada em termos de romance sentimental até que ela o convidara para jantar no seu apartamento elegante em Marina del Rey, a alguns quilómetros da casa dele em Malibu. Nem os *tamales* caseiros conseguiram anular o efeito daquele primeiro recontro desastroso entre *Tesoro* e *Pirate*.

Convenhamos, pensou Sunny, com um suspiro, *Pirate* mostrara-se disposto a fazer amizade, *Tesoro* não. E, preferindo que o seu cão não fosse molestado, Mac fora-se embora, deixando os *tamales* por comer.

– Da próxima vez não trago o cão – dissera, escudando *Pirate* da *chihuahua* atacante.

E era nesse ponto que se encontravam as coisas. Sunny ia à casa de Malibu sem *Tesoro*. Mac ia ao apartamento da Marina sem *Pirate*.

– E nunca os dois se encontrarão – era o lema de Mac.

O que, claro, os deixava no seu atual limbo de incerteza.

Sunny verificou as horas. Já passava da meia-noite em Malibu e Mac ainda não se encontrava em casa. Ela devia levantar-se já daquela cama. Sair para as ruas vibrantes e movimentadas de Roma, escolher um italiano charmoso e atraente e deixá-lo seduzi-la.

Soltando um suspiro que, desta vez, lhe vinha do estômago, decidiu que não telefonaria mais a Mac. A dieta que fosse para as urtigas. Conseguia praticamente aspirar o odor de açúcar e canela, ao mesmo tempo que passava as mãos à pressa pelo comprido cabelo escuro, enfiava os pés em sandálias de pele preta e se dirigia para a porta.

O telefone tocou. Rodou nos calcanhares, fitando-o.

Tocou outra vez. Claro que não podia ser *ele*. Não era possível. Não andara a ligar-lhe de forma consecutiva na última hora, raios?

Atendeu.

– *Pronto?* – proferiu em tom enfadado.